

APM 1934.02.03

ARTHUR NEIVA

DEPUTADO A ASSEMBLEIA NACIONAL,
PELO ESTADO DA BAHIA

DISCURSO

PRONUNCIADO NA

SESSÃO DO DIA 3 DE FEVEREIRO DE 1934

Em sustentação da emenda n. 1.055 da Bancada
do Partido Social Democrático da Bahia

GESTA BAHIA & MEMOR

FUNDAÇÃO PEDRO CALMON

(Impresso por iniciativa de amigos e colegas do
constituinte baiano)

** Imprensa Nacional
Oficinas do Calabouço
RIO DE JANEIRO — 1934 *

ARTHUR NEIVA
DEPUTADO A ASSEMBLÉIA NACIONAL
PELO ESTADO DA BAHIA

DISCURSO

PRONUNCIADO NA

SESSÃO DO DIA 3 DE FEVEREIRO DE 1934

Em sustentação da emenda n. 1.053
da Bancada do Partido Social Democrático da Bahia

GESTA BAHIA MEMOR

FUNDAÇÃO PEDRO CALMON



** Imprensa Nacional
Oficinas do Calabouço
RIO DE JANEIRO—1934 *

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO DE 3 DE FEVEREIRO DE 1934

O Sr. Artur Neiva (*Para explicação pessoal*) — Senhor Presidente, ao tratar da emenda apresentada pelo Partido Social Democrático Baiano, relativa ao problema da imigração, quero declarar que faço meus os conceitos aqui emitidos pelo nobre Deputado pelo Ceará, o proveito colega Sr. Xavier de Oliveira, a propósito da brilhante justificação do Senhor Teotônio Monteiro de Barros, honrado Deputado paulista, em relação aos japoneses. Aliás, devemos notar que há uma coincidência feliz em relação aos pontos feridos pela emenda da maioria da bancada baiana, que não é mais do que uma condensação e uma concentração do pensamento já aqui exarado e defendido pelos paulistas, mesmo em 21, pelo preclaro Sr. Deputado Cincinato Braga, tão cheio de serviços ao Brasil, e, em 23, pelo pranteado paulista, João de Faria, que apresentou um substitutivo ao projeto Fidélis Reis, em torno do qual, de 10 anos a esta parte, gravitaram todas as questões de imigração.

Quero também, Sr. Presidente e ilustres Congressistas, juntar o meu protesto ao coro que se levantou aqui e fora desta Assembléa, a propósito da indébita intervenção da Liga das Nações, mais uma vez, em coisas que dizem respeito aos nossos destinos.

O Sr. ARRUDA FALCÃO — A Liga apenas solicitou, não impôs.

O Sr. ARTUR NEIVA — A Liga solicitou, mas pela terceira vez.

Recordo um fato. Estando eu em Tokio, fui procurado por um delegado polonês para dar informações a respeito do Brasil no tocante ás suas condições de vida, salários, clima, etc., porque a Liga das Nações tinha deliberado enviar para a nossa pátria todos prisioneiros poloneses, feitos durante a grande guerra pelos russos, e que se achavam retidos nos campos de concentração de Vladivostock.

O Sr. VASCO DE TOLEDO — Tudo o que é de ruim e as nações não querem, vem para aqui, terra que não tem dono.

O SR. ARRUDA FALCÃO — A Liga das Nações, dessa maneira, prestaria relevantíssimo serviço ao Brasil, que precisa de braços.

O SR. TEIXEIRA LEITE — Não apoiado. Precisamos de organização de trabalho.

O SR. ARTUR NEIVA — Tem razão o meu prezado amigo e ilustre Deputado. Precisamos sobretudo de organização de trabalho.

O SR. TEIXEIRA LEITE — Temos milhões de braços desocupados.

O SR. ARTUR NEIVA — Não precisamos tanto do braço estrangeiro, e é por isso que podemos seleccioná-lo. E a prova é que ocorrem, no nosso país, migrações internas, como se observam em pequena escala, do Rio Grande do Sul para Mato Grosso e em muito maior escala da Baía e outros Estados do norte para São Paulo e mais unidades da Federação.

O SR. ARRUDA FALCÃO — Isso se dá em todas as nações.

O SR. ARTUR NEIVA — Sim, mas não com esse aspecto, a não ser em casos de crise interna, conforme ocorre nos Estados Unidos, onde há cerca de 300.000 jovens sem trabalho, vagabundeando pelos estados centrais da grande nação.

O SR. TEIXEIRA LEITE — O que é preciso no Brasil, é colonização interna.

O SR. ARTUR NEIVA — Temos o direito de seleccionar, porque não resolvemos ainda o problema dentro de casa. Quero dar, também, a minha solidariedade ao protesto levantado aqui pelo nobre e operoso deputado da bancada cearense, Sr. Xavier de Oliveira, que brilhantemente documentou com os dados fornecidos pela própria Liga das Nações, a incapacidade dos elementos que para cá nos querem mandar. Hoje, em um dos matutinos "A Nação", o professor Vageler, cientista de grande renome, actualmente contratado pelo Governo Federal, e que foi designado pelo governo inglês para resolver as questões também de transcendental importância para nós, da esterilização dos terrenos pela açudagem, nas grandes obras hidráulicas, de Assuan, no Egito, no Sudão, na Mesopotamia e no Irak, em expressiva entrevista informa serem os homens que nos desejam enviar incapazes, ilhetrados, turbulentos e de tal forma indesejáveis que nem a própria Turquia, nem a Pérsia os admitem, pois que os repelem.

Tal localização é tanto mais extranhável quanto, no Império Britânico cuja área é a do Brasil multiplicada várias vezes, poder-se-ia perfeitamente encontrar um rincão onde se fizesse abrigar essa gente, que por todos os títulos não nos convém.

O SR. LACERDA PINTO — Estão procurando o Paraná para localizar tais elementos.

O SR. ARTUR NEIVA — Do Paraná partiu um protesto muito justo do meu amigo e colega de Manguinhos, o ilustre

Sr. Sousa Araujo — que conhece a zona do Irak — mostrando quão turbulentos e desordeiros são os homens que para aqui pretendem trazer e que irão perturbar a vida pacífica e operosa dos paranaenses.

O Sr. VASCO TOLEDO — Defender semelhante imigração é revelar ignorância a respeito das raças do globo.

O SR. ARTUR NEIVA — Falei há pouco em Tokio; depois no Irak; e agora a memória felizmente me sugere o testemunho do meu colega e mestre, professor Figueiredo Rodrigues, da bancada cearense, que há de se recordar bem como, em fins de 1924, a Liga das Nações deliberou fossem remetidos para o nosso país todos os indivíduos que haviam ficado sem a pátria, primitiva, em consequência das modificações operadas nos Estados Balkânicos. Lembro-me bem — e os paulistas também não se devem ter esquecido — da triste odisséia daquela pobre gente, recusada no Rio pelas péssimas condições de higiene em que se encontrava e desviada para São Paulo, onde, percorrendo todo o Estado pelas várias estradas de ferro, era impedida de desembarcar pelas autoridades estaduais, num gesto de legítima defesa.

Isto quer dizer que a Liga das Nações, por *fas* ou por *nefas*, está tentando transformar, positivamente, o Brasil no mais vasto campo de concentração de indesejáveis do globo. (*Muito bem*).

O Sr. VASCO TOLEDO — Considera o Brasil como um vasto presidio.

O Sr. TEIXEIRA LEITE — Como Portugal fazia com os degredados.

O Sr. ARRUDA FALCÃO — Nesta questão de imigração, temos de considerar a necessidade de povoar o país.

O Sr. TEIXEIRA LEITE — Povoar com elementos capazes. (*Muito bem*).

O Sr. ARRUDA FALCÃO — Si queremos povoar bem, precisamos não improvisar teorias.

O Sr. TEIXEIRA LEITE — Precisamos seleccionar. Isto é indispensável. (*Muito bem*).

O Sr. ARRUDA FALCÃO — As teorias clássicas sobre imigração vem desde a Grécia. E o mundo científico está voltando ás concepções grégas. Sabemos que elementos, tidos como indesejáveis, por serem criminosos, turbulentos, desordeiros em sua pátria, são, muita vez, ótimos para o povoamento, desde que os motivos de paixão ficam na pátria. Assim entendia Solon.

O Sr. MEDEIROS NETO — Não convém fazer a experiência.

O Sr. ARRUDA FALCÃO — E' demonstração histórica.

O Sr. MEDEIROS NETO — Isso é que é teoria. (*Muito bem*).

O SR. ARTUR NEIVA — O que vejo Sr. Deputado Arruda Falcão, é coisa diferente.

Note-se o seguinte: estamos importando gente de todas as condições, mas evidentemente cada vez mais desprezamos e olvidamos os que construíram esta Pátria. (*Muito bem*). Percorri todo o nordeste e o norte, e sei até onde vai o pauperismo chinês de nossa população.

O SR. ARRUDA FALCÃO — E' problema a resolver simultaneamente com os demais.

O SR. ARTUR NEIVA — Em alguns *gerais* entre a Baía e Goiaz não chegam nem o sal nem o querosene. Até este ponto, tão longe vai o problema. Ou o resolvemos ou, então, estamos criando aqui, na América do Sul, pelo crescimento do mal, uma nova China. (*Muito bem*).

O SR. CLEMENTE MARIANI — Os nossos conterraneos que se transportam para São Paulo são ali tão bons trabalhadores quanto os estrangeiros.

O SR. ARTUR NEIVA — O ato da Liga é tanto mais estranhável quando sabemos que a corôa inglêsa, em cujo Império, poderíamos repetir a imagem, — o sol não se deita, não permite a descida em nenhum dos seus domínios da União Sul-Africana de qualquer brasileiro viajando em terceira classe. Dou o meu testemunho pessoal. Nossos patriotas, passageiros de terceira classe, não podem desembarcar em nenhum ponto da costa, de Capetown a Durban, sendo assim iguallados aos indús, malaios, chineses e negros.

O SR. ARRUDA FALCÃO — Essa é outra questão.

O SR. ARTUR NEIVA — Como pretendem, então, mandar para aqui os homens do Irak, inteiramente indesejáveis, si já alguns dos seus domínios nos repudiam?

O SR. ARRUDA FALCÃO — E' uma outra questão, que não resolve aquella.

O SR. ARTUR NEIVA — Nêsse andar, poderemos chegar á seguinte situação: a China está convulsionada há 15 anos. O Japão, a Rússia, os Estados Unidos e a Inglaterra têm ali grandes interesses em jogo. Nêsse caso, poderão resolver o problema, como o do comunismo, na província de Fu-ki-en, fazendo transportar para aqui todos os habitantes.

Sr. Presidente, meus Senhores: seria inútil relembrar que no Brasil não pode haver qualquer preconceito de raça. Seria mesmo ridículo quem quisesse levantar tal questão. (*Apoiados*). Procedemos de uma pequena nação, que foi o maior campo de experiência e de fusão de raças no Universo. Só o oceano poude limitar as ondas das invasões germanicas que se sucederam. Mais tarde, o pequeno Portugal viu-se invadido pelos árabes, durante séculos, e uma grande injeção de sangue judeu ali foi feita, o que, no meu modo de entender, foi de grande utilidade.

Já em 1432, vinte anos apenas depois da fundação da Escola de Sagres, Portugal recebia os primeiros carregamentos de africanos trazidos por Gil Eanes, e estes a tal ponto

cresceram que, em 1510, na pequena Lisboa de então, existiam mais de 10 mil. Em Évora, os africanos eram em maior número do que os brancos.

Iniciada a epopéia dos descobrimentos era tão comum o tráfico de negros e a sua escravização que, na própria frota do descobridor do nosso país, já existiam tripulantes africanos. Entretanto, os primeiros especialmente importados foram colocados em Pernambuco, em 1531, no norte, e, em 1537, na Capitania de São Vicente em São Paulo.

O SR. ARAUDA FALCÃO — E V. Ex. não se esqueça do contingente dos mouros em Portugal, e estará fazendo o elogio do imigrante de todas as procedências.

O SR. ARTUR NEIVA — Já me referi aos mouros, quando citei as invasões arábes, pois estes só invadiram a península ibérica depois de fundidos com os habitantes do norte da África. Estou, agora, dizendo o seguinte: devido ao fato de Portugal ter sido o maior cadinho da fusão de raças, não podemos absolutamente ter aqui preconceitos de raça, o que seria profundamente ridículo.

O SR. MEDEIROS NETO — Está bem claro o pensamento do orador.

O SR. ARTUR NEIVA — Quero escoimar de tal suspeita qualquer acusação, que quisessem fazer neste particular, á emenda...

O SR. MEDEIROS NETO — Que não descansa em preconceitos de raça.

O SR. ARTUR NEIVA — ...porque procuramos resolver o problema de maneira mais inteligente e humana do que os Estados Unidos. Esses elementos aqui vieram da zona que se estende do Senegal á Angola, numa média de 50 a 60 mil por ano, durante a fase mais intensa do tráfico, iniciada em meados do século XVII. Segundo Rocha Pombo, do século XVI até meado do século XIX, mesmo depois do *bill Aberdeen*, o número de negros entrados no Brasil chegou a atingir o total de 15 milhões, em três séculos.

O SR. ARAUDA FALCÃO — Todo o trabalho no Brasil não contou com outros braços, sinão o braço do negro.

O SR. MEDEIROS NETO — Ninguém está condenando o preto. (*Muito bem*).

O SR. ARTUR NEIVA — Ninguém o contesta. Eu poderia fazer a apologia do preto, como sempre fiz. Escrevi, uma vez, que aos pretos devemos a incorporação do Brasil á civilização universal.

A princípio, condensaram-se os pretos na Bafa, e Pernambuco, em meados do século XVII, no Rio, indo depois para Minas, São Paulo e Estados sulinos. Para cá vieram os negros na proporção de mais de 50 povos, raças, sub-raças ou tribus diferentes, que se fundiram com as nossas inumeráveis tribus indigenas, algumas tão afastadas entre si quanto o saxões dos latinos e os alemães dos slavos. Em

consequência dos males, e torturas da escravidão, e das perseguições sofridas, criaram-se os quilombos, onde se concentravam os negros fugidos, que se internaram mais e mais no país, a ponto da Dra. Snethlage, eminente naturalista e grande conhecedora da região amazônica, dizer-me que, para ela, não havia tribu de índio que não se tivesse mesclado com o sangue negro.

Isso foi demonstrado brilhantemente, de maneira inesperada, pelo grande bandeirante contemporâneo General Rondon, que, ao descobrir, em terras desconhecidas, os Nhambiquaras, fê-los estudar pelo meu ilustre colega e amigo, Sr. Roquete Pinto, em trabalho memorável, onde se verificou que uma tribu desconhecida, em zona ignorada, tinha tido contato com os negros, como se comprova sobretudo por alguns dos seus caracteres étnicos e pelas construções tipicamente africanas.

Quero mostrar, com isso, que não é possível, sem injúria, dizer que a emenda apresentada pela maioria da bancada baiana, está eivada de qualquer preconceito de raça.

Ora, nós que resolvemos o problema, no meu modo de entender humanamente, inteligentemente, porque fundimos na raça os índios e os pretos de todas as procedências, conseguindo, com estes elementos, mau grado o desejo íntimo da corôa portuguesa, que tinha abandonado Pernambuco aos holandeses de manter a unidade do Brasil. O nobre Deputado Arruda Falcão, pernambucano que é, deve concordar em que mantivemos a unidade da Pátria a contragosto de Portugal.

O SR. ARRUDA FALCÃO — Permita-me V. E. outro aparte? Essa foi a grandiosa obra da igreja católica. A unidade do Brasil é devida ao padre, que correu, pressuroso, de um extremo a outro do território, para defender contra o estrangeiro protestante o crente católico, que era o habitante do Brasil.

O SR. ZOROASTRO GOUVEIA — A unificação do Brasil, como a de todas as pátrias, é função da economia. Foram, em geral, os desbravadores, á procura de riquezas e tentando escravizar o índio, que fiseram a unificação do país.

O SR. ARTUR NEIVA — Em grande parte tem razão o nobre Deputado por São Paulo. Respondendo, agora, ao aparte do nobre representante de Pernambuco, devo declarar que creio na fôrça aglutinadora da igreja católica, e já o fiz publicamente, em artigo divulgado pela imprensa de São Paulo, o que é uma documentação cheia de isenção, neste particular, porque não sou católico.

O SR. ARRUDA FALCÃO — Augusto Comte não era católico, falou como sociólogo, proclamando a influência social da religião.

O SR. ARTUR NEIVA — Também não sou positivista.

O SR. MEDRIMOS NETO — V. Ex. reconhece a obra do catolicismo.

O SR. ARTUR NEIVA — Tanto reconhecimento e prestígio que fiz, de público, pelas colunas do "O Estado de S. Paulo", um apêlo ao bispo D. Pimenta, de Mariana, atacando os protestantes e positivistas, com a preocupação única de manter a unidade da Pátria.

O SR. ARRUDA FALCÃO — Então, V. Ex. está de acôrdo comigo.

O SR. ARTUR NEIVA — Os norte-americanos, Senhor Presidente, enveredaram por outro caminho e não se fundiram com os pretos. Em 1847, ainda longe da Guerra de Secessão, trataram de ver si podiam escoar a massa dos negros para fora dos seus domínios, e criaram a Libéria, cujos resultados foram desastrosos. Ficou uma nação, mas os homens que eles procuraram eliminar permaneceram nos Estados Unidos.

Com o espírito de tenacidade, que é característico do *yankee*, recommçaram eles a campanha. Recordo-me que, de uma feita, ainda nos bancos acadêmicos, escrevi um artigo para a "Imprensa", de Alcindo Guanabara, denunciando o desejo dos norte-americanos de mandarem colonizar o Brasil por intermédio dos seus pretos.

Em 1912, funda-se uma companhia, em Nova Orleans, afim de colonizar o Brasil. Naquella época, os Estados Unidos absorviam mais de um milhão de imigrantes dos outros países.

Nesse anno faço uma excursão pelo interior do Brasil, e, com surpresa, vou deparar, em São Raimundo Nonato, no Piauí, com uma empresa inglesa trabalhando com centenas e centenas de barbadianos, a plantar mandioca e a tratar de borracha. Quer isto dizer que a preocupação dessa gente é sempre desprezar o mísero braço nacional, tão heróico e tão valoroso. (*Muito bem*).

Em 1916, organizaram o extraordinário filme *The birth of a Nation*, que vi em Buenos Aires, não exhibido no Brasil e proibido mais tarde em França por Poincaré, porque era uma película organizada para explicar, sinão justificar, o ódio que o branco norte-americano vota ao negro, assunto de que aliás tratei pela imprensa.

Em 1920, há rumores de uma nova tentativa de colonização em Mato Grosso pelos Estados Unidos, e creio que esta deu origem ao projeto Cincinato Braga-Andrade Bezerra, consequente a uma carta escrita pelo pranteado Oliveira Lima, segundo informações do illustre Sr. Hélio Lôbo, então Consul em Nova York.

Suscitou-se uma grande campanha, as opiniões bi-partiram-se e eu me recordo de um nome, que pronuncio com grande veneração, embora esteja em campo inteiramente oposto, o Sr. Teixeira Mendes, alma de São Francisco de Assis, que escreveu um trabalho memorável, desejando que para aquí viessem os pretos.

Contra êle se levantou o Sr. Afranio Peixoto, em uma luminosa carta, inserta no trabalho em separado do eminente Sr. Fidélis Reis, achando o problema de tal gravidade que entendia ser necessário a Nação se pôr em armas, casa nêle se insistisse.

Como jurista, julgando que a Constituição não permitia restringir a imigração, manifestou-se favorável á entrada desses pretos o grande jurisconsulto Sr. Clóvis Beviláqua, dizendo que a proibição embora constitucional era injusta.

Dáí o meu interesse em que se cogitasse da questão, porque já foi levantada por autoridade eminente, a impossibilidade de se impedir a imigração indesejável, por não o consentir a Carta Magna de 1891, conforme declaração do preclaro jurista Sr. Leví Carneiro, em aparte ao nobre Deputado Teolônio Monteiro de Barros.

O Sr. XAVIER DE OLIVEIRA — Há poucos dias, antes de me ocupar do assunto, o diretor do Povoamento do Solo, Sr. Dulfe Pinheiro Machado, fez-me idêntica observação, declarando que, diante da Constituição atual, não tinha meios de impedir essa imigração.

O SR. ARTUR NEIVA — Muito grato pelo aparte de V. Ex.

O Sr. TEIXEIRA LEITE — De modo que a providência consubstanciada na emenda é muito oportuna.

O SR. ARTUR NEIVA — Contra essa medida, levantaram-se na Capital Federal, querendo impedir que houvesse a imigração de gente preta para o Brasil, justamente os mais interessados, — a Associação dos Homens de Cór, — que se colocou ao lado d' "A Noite", jornal que denunciou a pretensão da nova companhia.

O Sr. MEDEIROS NETO — V. Ex. me permite um aparte esclarecedor? Tanto é indispensável prever, na Constituição, essa matéria quanto é certo que, no regime em vigor até agora, era impossível proibir, diante do texto constitucional, a imigração de elementos indesejáveis, pois, em tempo de paz, é livre a entrada e saída de pessoas, com seus bens, no território nacional. Na Constituição está expressa essa liberdade e, para admitirmos uma corrente contrária, é preciso estabelecê-lo também expressamente, sob pena de não podermos fazer a proibição, quando necessária. (*Muito bem*).

O SR. ARTUR NEIVA — De repente o cenário se transmuta. Acha-se aquí presente um prezadíssimo amigo e eminente brasileiro, o Sr. Sampaio Correia, que, ao vir de Havana, em 1928, prenunciou — e em entrevista aos jornais chegou a deixar transparecê-la — a tremenda crise em que hoje se debate Cuba.

Cuba tem a mesma origem étnica que o Brasil, ou quasi a mesma, pois seus habitantes descendem do espanhol, do bugre e do negro africano, além do enxerto de sangue asiá-

tico, feito sobretudo entre 1850 e 1874, quando entraram cêrea de 140.000 chineses em Cuba.

Não se conhecia, ali, como no Brasil, preconceito racial. Depois de desencadeada, porém, a crise econômica, em menos de dez anos surgiu essa luta de raça, complicada ainda pela adesão rápida dos negros ao credo marxista, segundo o depoimento de Herring, no *Current History*, de novembro de 1933.

Foi para impedir tal fatalidade que me lembrei de apresentar a emenda. Aliás, tratei disto em 1921, num trecho que pediria permissão para lêr:

"Em 1921, o signatário, no segundo artigo publicado no "Estado de São Paulo", sob o título "Presente de Negros", a propósito de uma nova tentativa de organização de uma empresa colonizadora do Brasil, fundada nos Estados Unidos, estuda o problema, mostrando que assim se fundou a Libéria, república africana que teve sua origem nos esforços de várias sociedades de colonização norte-americanas e europeias, até que se transformou em república em Julho de 1847, e assim se exprimia: "Cada qual resolve seu problema como entende. Nós pensamos ter encontrado a melhor solução. No Brasil nunca houve preconceitos de raça. Os Estados Unidos tomaram medidas drásticas contra os bolchevistas russos que lá se encontravam, afim de garantir a tranquilidade de seu povo. O senso comum está a nos indicar que devemos evitar, a todo o transe, esse imprudente desafio a futuras e inevitáveis tempestades domésticas que pareciam estar definitivamente afastadas.

Caso sejam suscitadas pela presença de uma força catalítica, como seria a vinda de um núcleo de pretos hipersaturados de ódio contra o branco, quem, com segurança, poderá prever o curso dos acontecimentos futuros? Sei que o papel de Cassandra não é simpático; pouco, porém, nos importa si temos a convicção de que estamos cogitando de altos interesses nacionais."

O SR. LACERDA PINTO — Essa foi sempre a preocupação de V. Ex.

O SR. EDGARD SANCHES — É uma verdade.

O SR. ARTUR NEIVA — Nestas condições, ainda estou coerente com a idéia e com a preocupação que desde o tempo de moço me absorve.

O SR. TEIXEIRA LEITE — Não se trata de improvisação.

O SR. ARTUR NEIVA — Ora, há um livro recente de Araquistain, *La Agonia Antillana*, dando informações a respeito da situação da jovem república e mostrando como os americanos, afim de reduzirem os salários, pois Cuba tinha atingido o mais alto padrão de vida conhecido, começaram a importar negros de Barbados, Martinica, Jamaica, Guianas e do Haiti.

É necessario lembrar-se que os pretos haitianos têm positivamente grande ódio ao branco. Eles rechassaram as forças de Rochambeau, general de Napoleão, compostas de 23.000 homens, e depois disso, chacinaram todos os brancos da Ilha, com exceção dos médicos, sacerdotes e artifices.

Foi esse braço que, na proporção de mais de 20.000 por ano, os norte-americanos introduziram em Cuba. Houve a baixa nos salários. Verificou-se a derrocada econômica de origem recente. E, em dois números, os de Outubro e Novembro de 1933, a *Current History*, estuda a situação cubana, que acha inteiramente perdida, debatendo-se seu governo numa anarquia crônica e progressiva, completamente insolúvel.

O SR. TEIXEIRA LEITE — É um exemplo para o Brasil.

O SR. ARTUR NEIVA — E, coisa que não tinha sido vista: suscitou-se um conflito de raças, que o cubano desconhecia.

Outro ponto que aborda a emenda apresentada pela bancada baiana, em sua maioria, é a questão dos asiáticos.

O SR. ARLINDO LEONI — V. Ex. está produzindo advertência altamente patriótica.

O SR. ARTUR NEIVA — Obrigado pelo seu conceito.

O SR. TEIXEIRA LEITE — V. Ex. está proferindo uma grande oração.

O SR. ARTUR NEIVA — Muito grato pela generosidade de V. Ex. Continuando, porém, verificámos que os chineses foram os primeiros asiáticos a entrar para o continente americano. Depois de algum tempo, surgiram certas dificuldades na America do Norte. Aliás, os yankees são trabalhados por preconceitos que desconhecemos. Mas, em 1876, o governo imperial brasileiro tinha sua atenção despertada para o problema pela primeira advertência aparecida no excelente trabalho, de Nicolau Moreira, membro da Comissão Brasileira na Exposição Internacional de Filadelfia de 1876, mostrando os inconvenientes de mandar buscar chineses para o Brasil.

Em 1879, Salvador de Mendonça, nosso agente diplomático nos Estados Unidos, protestou, fartamente documentado, contra qualquer possibilidade da introdução de chineses e hindús no Brasil, os quais já tinham entrado nas Guianas e nas Antilhas, onde morreram como moscas. Esta obra foi julgada de tal importancia que foi mandada publicar pelo então Presidente do Conselho de Ministros, o notavel estadista Conselheiro Sinimbú.

O SR. SAMPAIO CORREIA — Os hindús já estão na Venezuela.

O SR. ARTUR NEIVA — Agradecido pelo aparte. Ora, no Brasil, o Visconde de Taunay, em trabalhos pela imprensa e em opusculos publicados, protestou contra esse perigo.

Taunay era uma grande autoridade em matéria de imigração. No país, só se levantou uma voz, generosa, culta, a de um homem de caráter e de bondade, André Rebouças, que pediu se permitisse a entrada dos chinêses, afim de que fossem mitigados os sofrimentos dos pretos escravizados.

Em 1918, em São Paulo, houve um *rush*, querendo-se a imigração hindú, a todo transe, para resolver o problema da falta de braços na lavoura caféeira. E aqui está presente o meu amigo, ilustre Deputado da bancada paulista, Sr. Oscar Rodrigues Alves, naquêle tempo Secretário do Interior de São Paulo, sob cuja direção eu trabalhava. S. Ex. determinou que me ocupasse do assunto, quando instalámos e inaugurámos o Instituto de Medicamentos Officiais de Butantan. Estudei a matéria e protestei vibrantemente contra a pretendida imigração, tanto mais quanto conhecera na Argentina, na provincia de Jujuf, em Ledesma, o trabalhador hindú, ineficiente, incapaz, cheio de doenças. Apresentei farta documentação, e talvez as minhas palavras tivessem tido algum éco no grande Estado de São Paulo.

Os japonêses entraram na California em 1876 e lentamente foram crescendo de número, atingindo, sómente em 1907, a cifra de 30.000. E 30.000 japonêses, Srs. Constituintes, para Nitobé, notavel autoridade nipônica, é número que pôde causar ansiedade, si porventura estiver concentrado num só local.

Em 1899, começaram a emigrar para outros países da America; descem para o México, vão para o Perú, atingindo posteriormente, o Chile e a Argentina. Em 1908, em Julho, entra a primeira léva de japonêses no porto de Santos e aqui está presente o querido amigo e eminente brasileiro, Senhor Sampaio Correia, sob cujas ordens eu então trabalhava na Noroeste. Dirigindo o serviço de profilaxia contra a malária, pude perfeitamente verificar em que condições tinham chegado os japonêses e cotejar sua capacidade de trabalho, de resistência e sua eficiência, comparadas com as do nosso humilde, desprezado e injustiçado géca. (*Muito bem.*)

O SR. SAMPAIO CORREIA — Têm organização completa. Um dos trabalhadores de enxada escrevia até correntemente o inglês.

UM SR. DEPUTADO — O perigo da imigração japonêsa está justamente na grande capacidade da raça.

O SR. ARTUR NEIVA — O perigo do japonês está não na questão da superioridade ou inferioridade da raça — pois não tenho êsse preconceito — mas na superioridade de organização. Os nipões são o milagre da organização e nós o prodígio da desorganização.

O SR. LEANDRO PINHEIRO — É preciso notar que o japonês, nessas organizações, vem se acomodando completamente ao modo de viver brasileiro. No Pará, por exemplo,

onde temos atualmente japoneses, está adaptado de modo absoluto quanto á religião e ao ensino, principalmente. E hoje já se estão casando japoneses com brasileiras.

O SR. ARTUR NEIVA — V. Ex. permitirá que eu dissinta neste particular.

O SR. MEDEIROS NETO — O depoimento do ilustre Deputado pelo Pará é valioso, embora em contradição com todas as observações até aqui feitas em outros pontos do país. Justamente o japonês é o que menos se adapta, o que menos se deixa absorver.

O SR. XAVIER DE OLIVEIRA — Adapta-se, sim; mas não se absorve.

O SR. SAMPAIO CORREIA — V. Ex. fez, ainda há pouco, uma referência imerecida, ao meu nome...

O SR. ARTUR NEIVA — Inteiramente justa. (*Apoiad.*)

O SR. SAMPAIO CORREIA — ...referência que sinceramente agradeço. Mas, apelando para as minhas recordações, posso contar o seguinte fato, aliás, não ignorado por Vossa Ex., e que evidencia a alta capacidade de organização do povo japonês. Um dos trabalhadores — trabalhador de picareta — recebido por mim nas obras de construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, eu encontrei, dois anos após, negociante na rua dos Ourives, nesta Capital. Em seguida, o vi, com admiração ser o orador oficial, que falava em nome do governo japonês, na inauguração do pavilhão japonês, na Exposição Internacional de 1922, realizada nesta Capital; e, mais tarde, tive a surpresa de vêr que o meu antigo trabalhador era Deputado da Diéta Japonêsa! (*Sensação.*)

O SR. MEDEIROS NETO — E, com certeza, casado com japonesa, com filhos japoneses e completamente separado da sociedade brasileira.

O SR. ARTUR NEIVA — O nobre Deputado Sr. Leandro Pinheiro citou o caso do Pará. Recordo-me que, em 1929, houve uma concessão, feita pelo governo paraense, de cerca de um milhão de hectares a uma empresa japonesa de colonização. S. Ex. também se referiu á capacidade de se transformarem eles em católicos. Vou, a propósito, citar — um depoimento importante.

Todo mundo sabe como era católico Oliveira Lima; todo o mundo sabe como conhecia o Japão. Pois bem: si o nobre colega lê um dos seus capítulos sobre este assunto, que começa á pagina 37 de seu livro, há de verificar que, como Labroue, confirma esta tése: o japonês aceita todas as religiões. Citou o caso do individuo ser católico para poder aprender inglês; citou o caso observado por Labroue: em países maometanos, é maometano; em países protestantes, é

protestante; e, quando aparece o livre pensador, sorri e lhe abre os braços...

Nos Estados Unidos, foram protestantes; em São Paulo, em massa, estão se transformando em católicos.

O SR. CLEMENTE MARIANI — Napoleão era maometano no Egito e Católico em França.

O SR. ARTUR NEIVA — Muito agradeço a V. Ex. seu valioso concurso.

Notai bem: é Oliveira Lima, professor de uma universidade católica nos Estados Unidos, dos brasileiros o mais amigo do Japão, um dos seus maiores admiradores, que protesta, taxando os japoneses de insinceros em matéria de conversão religiosa. Encontrava-me em Tokio, em 1920, quando se reuniu o primeiro Congresso dos *Sunday Schools*, a que assisti e tenho guardado — nunca supuz que viesse isso á baila — um número do "Japan Advertiser".

Historiando o progresso do cristianismo no Japão, esse importante órgão conta todo o espírito de sacrificio de muitos que se tornaram católicos em consequência da grande obra de proselitismo realizada por São Francisco Xavier, e o heroísmo dos que, perseguidos, foram trucidados aos milhares.

Pois bem; após isto, depois de abertos, pela ponta da espada do *comodoro* Perry, os portos japoneses, em 80 anos de trabalho consecutivo, missionários de todos os crédos, dezenas de milhares de protestantes, milhares de padres católicos, centenas de ortodoxos russos — não conseguiram a conversão nem de 100 mil japoneses.

O SA. TEIXEIRA LITE — É coisa muito significativa.

O SR. ARTUR NEIVA — Obrigado. Um dos homens que, em São Paulo, sempre admirei foi Carlos Botelho. Recordo-me, ainda quando menino, ter visto na corografia nacional, uma zona de São Paulo, como terra desconhecida. E Carlos Botelho, que deixou um sulco luminoso naquêl Estado, em virtude de suas iniciativas administrativas, que mandou desbravar o noroeste, Carlos Botelho, entre seus erros — basta ser humano para que isto ocorra — tem o da introdução da imigração japonesa no Brasil, a qual levantou imediatos protestos de muitos e até uma campanha muito séria por parte de Luiz Pereira Barreto.

Eu, portanto, assisti á genese da imigração japonesa no Brasil: 780 em 1908. E agora pergunto: a que número atinge hoje? Ninguém sabe responder.

A emenda da bancada baiana diz que se aproxima de duzentos mil; está próxima da verdade. Oficialmente, na publicação da Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha, "Introdução dos imigrantes japoneses no Brasil e seu órgão instrutivo", á pag. 11, constam 111.742 pessoas, afóra 363 destinadas ao Estado do Rio (o exemplar que possuo está posto em dia

e me foi enviado pelo meu amigo Dr. Shiratori, diretor da companhia, até Dezembro de 1932). Mas o meu amigo Prof. Bruno Lobo, no seu livro, "De Japonês a brasileiro", diz que seriam, á página 17, 100.646; mais adiante, na página 119 116.279; na pag. 106, já dá a existência de mais ou menos 150 mil, incluindo os descendentes, que êle, portanto, considera japoneses.

E, como registra 150 mil, tenho que aceitar essa teoria, que fica mais próxima da defendida pela emenda baiana. O livro foi publicado em 32, e como os japoneses estão entrando na proporção de mais de 20 mil por ano, pelas informações fornecidas pelo meu prezado amigo Sr. Noda, ao Deputado aqui presente, Sr. Teixeira Leite, que a recebeu do Sr. Alcides Bezerra, Diretor do Arquivo Nacional, temos que 150 mil, mais 20 mil e mais a média de dois mil por mês, vamos a caminho dos 200 mil, como afirma a emenda baiana.

Num livro do meu amigo Prof. Bruno Lobo encontra-se exarado o argumento de Roquette Pinto, de que se não deve ter prevenção contra os japoneses, porquê eles obedecem ás leis e aqui chegam em condições de sanidade tais que pôdem causar inveja ás colonias mais adiantadas.

Isso é falso. A informação não é verdadeira, a não ser talvez presentemente.

O SR. CRISTÓVÃO BARCELOS — Antes de vir, passam por um exame criterioso, no Japão.

O SR. ARTUR NEIVA — Acha-se aqui o Sr. Oscar Rodrigues Alves, o qual poderá confirmar que, quando trabalhei sob as suas ordens, como diretor do Serviço Sanitário, os japoneses começaram a chegar em condições tais de abandono que houve necessidade de se pedir providências ao Governo Federal, porquê alguns dos *Marús* que aportavam a Santos, eram verdadeiros hospitais flutuantes.

O SR. TEOTÔNIO MONTEIRO DE BARROS — É a prova disso era a presença dos schistosomas entre os japoneses.

O SR. ARTUR NEIVA — Justamente.

Nessa ocasião, S. Ex. elaborava o Código Sanitário do Estado de São Paulo, e, pela primeira vez, em consequência das más condições em que chegavam os japoneses, houve necessidade de se incluir na lei a palavra *indesejável*, neologismo contra o qual protestou a intelligência brilhante e culta do Senador Piza, que naquela época fazia opposição ao governo. Isso, para atender aos interêsses paulistas, defendendo-os das lévas de japoneses, os quais, entretanto, hoje chegam em condições favoraveis.

O SR. CRISTÓVÃO BARCELOS — Referia-me, justamente, ao momento atual, no aparte de há pouco.

O SR. ARTUR NEIVA — O que tambem ocasionou as medidas tomadas pelo Serviço Sanitário de São Paulo, quan-

do dirigia a Secretaria do Interior o Sr. Rodrigues Alves, foi, eu me recordo, naquela época, o clamor vindo das fazendas pela alta letalidade dos japoneses, que não sabiam sequer se defender da malária, das endêmias ali reinantes, das parasitoses, algumas trazidas por eles. E a situação se agravou de tal maneira que os japoneses, com a alta compreensão que possuem e em virtude do seu espírito de organização, mandaram buscar no Japão um dos mais eminentes cientistas, o professor Miyajima, Chefe do Serviço do Instituto de Kitasato, o qual foi a São Paulo, visitou as colônias, examinou-as e foi quem iniciou, no Estado, o acôrdo a que se referiu o Sr. Monteiro de Barros, em relação ao reconhecimento dos médicos.

O Serviço Sanitário permitiu que o Dr. Kitajima se me não engano, profissional distinto, ficasse trabalhando em Iguape; e o segundo médico reconhecido foi justamente o citado pelo ilustre e nobre Deputado paulista, Sr. Moraes Andrade — Dr. Takaoka.

Depois, fizemos concessões para recebimento de mais alguns médicos, de farmaceuticos, parteiras e dentistas. Só houve recusa para os veterinários, o que era explicavel.

O SR. RODRIGUES ALVES — Sim, porquê, servindo a diferença de linguagem de pretexto para a introdução de profissionais, não havia motivo para a importação de veterinários por prescindirem do vernáculo os animais...
(Risos.)

O SR. ARTUR NEIVA — Pois bem, com o espírito de organização que possuem, realizaram os japoneses uma obra memoravel, modificaram os "Marús", portadores mensais dos seus emigrantes; e, de fáto, devido a essa exigência, os japoneses chegam, hoje, em condições de perfeita bigidês.

Quanto ao respeito á lei, é tambem inexato.

Ha poucos dias ouvi do meu sábio mestre, Prof. Miguel Couto, a narração do episódio ocorrido em Mato Grosso, quando o comandante Eduardo Gomes desejava instalar um "bangar" em terras japonesas, o que foi repellido por serem terras do Imperador! Só depois de algumas negociações...

O SR. CRISTÓVÃO BALCELOS — Mas há outros terrenos de *atterrissage* para aviões em colônias japonesas.

O SR. ARTUR NEIVA — Encontrei no "Probléma imigratório e seus aspetos étnicos", de Fidelis Reis e João de Faria, um documento ainda não citado do atual presidente da Sociedade Rural, de São Paulo, Dr. Sampaio Vidal, a propósito dos colonos, em que diz:

"Fiz um inquérito entre os meus colonos japoneses e constatei que elles registavam os nascimentos dos filhos no Registro Civil e remetiam as certidões ao consul..."

O SR. ARRUDA FALCÃO — O mesmo fazem, por exemplo, os ingleses.

O SR. ARTUR NEIVA — "... Os paulistas preferem ver seus cafésais com falta de colonos a ir contra os interesses do país."

Os japoneses trouxeram tres doenças novas para o país: um *Paragonimus*, o *Schistosomum japonicum* e um *Trichostrongylus*, além de outras que não se poderão adaptar aqui, porquê têm o ciclo evolutivo no peixe, que elles comem crú.

Em 1929, o lúcido espirito de Azevedo Amaral apresentou uma tese a respeito da eugenia na imigração, tese fartamente discutida, pois o probléma é uma questão aberta na ciencia, e que foi rejeitada por oito votos.

O nóbre deputado Xavier de Oliveira leu, noutro dia uma carta do Dr. Renato Kehl, o melhor conhecedor dessas coisas no país, porquê se dedica, há mais de 20 anos, a essa especialidade, prestigiando a emenda apresentada pelo illustre coléga Dr. Monteiro de Barros e aduzindo nóvos argumentos.

Pois bem, há um inquérito que vem no livro do Prof. Bruno Lobo, que em primeira mão foi publicado no "Arquivo do Muséu Nacional" pelo emérito cientista Roquette Pinto, meu prezado amigo. E' um inquérito de *Porteus Babcock*, em Hawaí; e dêsse inquérito antropsicologico resulta que o japonês fica em primeiro lugar entre as raças habitantes daquêlo arquipélago; e o português que construiu e manteve toda unida essa Pátria, só fica acima do preto porto-riquenho.

Sinceramente, a ciencia, que, na definição de Raul Pompeia, é por vezes um pendulo que vai e volta, póde perfeitamente voltar neste caso. E eu prefiro, neste particular, ficar com os portugueses a ligar-me aos japoneses que aqui se enquistam e não serão assimilados. (*Muito bem*).

Existe um pequena bibliographia nacional, dêsstes últimos anos, favorável aos japoneses: do Sr. Henrique Baiana, publicado em fins do ano passado, aliás bom livro e de alguém que conhece o Japão; do Sr. Waldyr Niemeyer, em duas edições; do meu amigo Nestor Azeoli quando deputado pelo Estado do Rio, apresentou importante projeto fixando o japonês na baixada fluminense; um valioso livro do Dr. Oliveira Botelho, sobretudo porquê era o parecer dado sôbre o substitutivo ao projeto João de Faria. Visitou êle a colônia do Registro, e voltou de lá encantado. Nessa obra há, porém, um erro profundo, porquê chega a dizer que os japoneses são nossos antepassados.

Não vou discutir aqui a origem dos amerindios. No estado atual da ciencia, vieram da Asia, mas os japoneses

não são uma raça pura. Os ainos que são brancos, os mongóis, os coreanos, e os negroides da Polinésia formaram o Japão. Os ainos, como podemos ver, hoje, pela toponímia, abrangiam todo o território. Eram os senhores da terra. Os japoneses fundiram-se como êsses povos: isolaram-se e fixaram-se. Nada têm de nossos ancestrais.

Agora, do ponto de vista antropológico, positivamente, o japonês não nos serve. Ninguém me convencerá que sejam Adonis ou Dianas caçadoras...

O SR. ARRUDA FALGÃO — Nesse ponto, V. Ex está em oposição a Oliveira Lima, que dizia ser o Japão um sorriso da natureza e a japonesa um sorriso vivo do Japão.

O SR. ARTUR NEIVA — Meu caro amigo, quem viaja verifica duas coisas: em toda a parte há natureza, em toda a parte há mulheres bonitas...

Temos, ainda, a opinião muito sincera de um homem que, durante 50 anos, dirigiu este país, com a maior magnanimidade. Pedro II, ao sentir a ameaça da imigração asiática, escreveu, conforme se encontra no livro acima citado, da autoria dos ilustres Srs. Fidelis Reis e João de Faria:

“Opôr-me-ei sempre ás tentativas dessa ordem, porque estou certo que a influência étnica desses povos virá aqui agravar ainda mais o aspeto heterogeneo da nossa gente.”

Queremos um tipo mais alto, e tanto o almejamos que o eminente professor Roquette Pinto, em estudo a proposito das fichas do Dr. Lobo, demonstrou tipos diferentes no Norte, no Centro e no Sul do país. É a nossa aspiração: mais robustez, mais altura, buscando o tipo que melhor nos sirva — o das raças mediterraneas, como dizia o illustre Deputado, Sr. Teotônio Monteiro de Barros.

A minha admiração pelo Japão é imensa. Tenho naquêlê país, numerosos amigos, e lhes sou grandemente reconhecido pela hospitalidade que me dispensaram quando lá estive. Aquí, igualmente, cultivo a amizade de muitos dêles. Não fosse a oportunidade a mim oferecida de representar meu torrão natal na Assembléa encarregada de elaborar a nova carta magna de meu país, não teria nunca pronunciado nem dito de público com tal sinceridade e franqueza, minha opinião íntima a respeito do probléma imigratório do qual dependê, em tão larga escala, a felicidade futura de meu estremecido Brasil. Mas foi um ditame, um imperativo da minha consciéncia. (*Muito bem. Apoiados*).

O SR. CLEMENTE MARIANI — Por um dever patriótico.

O SR. ARTUR NEIVA — São tão admiraveis, sobretudo em contraste com o Brasil, que bastá narrar um fáto. Ao voltar de Nagasaki, saboreava eu o último livro refe-

rente ao Japão, que tinha levado do Brasil, quando o destino sempre caprichoso, me trouxe a Ceilão, onde, por coincidência, li uma página de Custodio de Melto, autor de um livro sobre a derradeira viagem de circumnavegação do Barroso, nos tempos em que ainda finhamos Marinha. Dizia elle: "Encontrei em Nagasaki um arsenal de marinha quasi tão bom quanto o Arsenal de Marinha da Baía". Fechei o livro e meditei melancolicamente. Trinta anos tinham se passado dêsde o episódio e havia quinze que o Arsenal de Marinha da Baía desaparecera! O de Nagasaki, entretanto, construía naquela época o maior couraçado do mundo, com 45 mil toneladas.

Quem faz esse depoimento tem uma sincera admiração pelo Japão, mas, tambem, tem a preocupação de bem servir o seu país. (*Apoiados*).

O SR. LACERDA PINTO — Esse receio, manifestado nas palavras sábias de V. Ex, envolve uma homenagem ao povo japonês, mas nem por isso devemos deixar de obstar a entrada do japonês.

O Sr. MEDEIROS NETO — Tomando attitude de defêsa contra elles.

O SR. ARTUR NEIVA — Costumo dizer que vale mais uma vez ver do que mil vezes ouvir. Vi várias vezes, nas regiões orientais por onde estive, a confirmação do que Labroue sustentou: o japonês, seja em Vancouver, em San Francisco, em Saigon, em Bombaim, em Vladivostock ou no Brasil (sic) vive sempre acampado, como se estivesse em território inimigo. Vi em Mauritius, orientais vindos de todas as procedencias, aglutinados em grupos, vivendo em compartimentos estanques, sem nunca se fundirem; assim tambem os vi numa das maiores encruzilhadas do globo, em Singapura. Aí, pude observar os japoneses, cuja mentalidade neste particular é perfeitamente identica á dos outros povos orientais; viviam enquistados há muitos decenios, sem se caldear absolutamente com outras raças.

O SR. XAVIER DE OLIVEIRA — E' a lição da história.

O SR. ARTUR NEIVA — Aquí, há alguns anos, occorreu fâto bastante interessante; um illustre official de Marinha, devotado á causa da pesca, á qual tem dado os melhores esforços da sua intelligencia, o comandante Vilar, conseguiu uma lei naturalizando os pescadores. Pois bem, que occorreu?

Os poveiros, que vinham de Povia do Varzim e que há mais de 50 anos abasteciam de pescado a cidade do Rio de Janeiro e parte de São Paulo, recusaram-se a accitar a naturalisação feita compulsóriamente. E essa gente, do nosso sangue e da nossa fala, voltou para o seu Portugal. Os japoneses, não. Tinham chegado havia poucos anos e immediatamente abraçaram a nóva pátria. Naturalizaram-se em

massa na colonia a que pertenciam e saíram desfilando pela cidade do Rio de Janeiro, tentando acompanhar, entoando mesmo, as canções patrióticas brasileiras, mas, de fato, tendo dentro do coração a pátria de origem, eterna e imperecível.

O SR. CLEMENTE MARIANI -- Mostrando que não davam importancia ao fato.

O SR. ARRUDA FALCÃO — V. Ex. há de permitir-me aparte um pouco mais extenso; sempre que se têm feito censuras á Constituinte, em sentido pejorativo, em campanhas malévolas, desprestigiando-a na opinião, oponho em defesa que aqui dentro da Constituinte se acham os grandes valores nacionais, os homens áptos a encarar e discutir proficientemente, com absoluta capacidade, os magnos problemas da pátria. Todos estão vendo que na tribuna se encontra como um exemplo eloquente uma dessas autoridades notáveis. (*Muito bem; apoiados*).

O SR. ARTUR NEIVA — Agradeço a grande generosidade dos nóbres colégas.

O SR. ARRUDA FALCÃO — Considero, problema da imigração como o problema do braço, do trabalho e da economia nacional. E' por isso que estou com Alberto Torres quando acentuou que, no Brasil, as questões mais importantes são resolvidas com lateralidade, iluminados pelo raio visual de um preconceito de classes, de credo, de concepção especialista. Na Camara estamos ouvindo a voz do médico, do cientista, a elucidar o problema sob o ponto de vista da eugenia, da influencia racial, etc... O caso brasileiro da colonização deverá ser encarado, entretanto, por outro prisma. As raças são o produto do meio físico; resultam da modelação do indivíduo e das gerações pelo ambiente em que irão sofrendo o processo de formação organica e mental. O país precisa, acima de tudo, de povoar-se recebendo gente de todas as procedencias. O progresso de uma nação não poderá acelerar-se sinão pela colonização. Diga V. Ex., quando a França se sentiu ameaçada de derrota, que fez?

O Sr. Presidente — Atenção!

O SR. ARRUDA FALCÃO — Não escolheu raças, nem olhou a procedencia dos povos, querendo sómente o concurso de todos para alcançar a vitória. Precisamos, por nossa vez, preencher as imensas extensões vastas do território.

O SR. XAVIER DE OLIVEIRA — Não para formar sua nacionalidade. (*Muito bem*).

O SR. ARTUR NEIVA — É muito triste e doloroso o drama. Eu, que não sou sequer socialista, mas burguês, desejaria reproduzir, daqui, fazendo-o meu, um brinde em certa ocasião levantado por De Amicis, num banquete, aos es-

quecidos dos arrozais: Conheço muito bem a minha pátria, para saber que milhões e milhões de brasileiros vivem ao Deus dará, ao léu e á margem da civilização. E' disto que temos de tratar. (*Muito bem, Palmas*).

O SR. MRDEMOS NETO — E' esse o problêma que a emenda da bancada encara e que V. Ex está justificando brilhantemente. (*Apoiados*).

O SR. MAGALHÃES NETO — Brilhantemente,, como biologista, não como médico; porquê o problêma é essencialmente bio-sociologico.

O SR. ARTUR NEIVA — Muito gráto a VV. EEx. Em 24, o meu eminente amigo, Dr. Navarro de Andrade, deu entrevista á imprensa, mostrando e documentando os inconvenientes a respeito da imigração japonêsa em Iguape. Passo a ler alguns dos seus trêchos:

"O nosso próprio Govêrno deve ter tido conhecimento de fátos assaz aborrecidos, passados em nossa casa; e a viagem de um ministro japonês a Mato Grosso não teve outro intuito senão o de aconselhar aos seus patrícios que respeitassem as nossas autoridades. Houve mesmo um caso em Campinas, por ocasião de um crime cometido por um japonês, que deverá ter servido de aviso prévio ao nosso Govêrno.

"Já se passou em Santos um incidente muito desagradável com um navio contrabandista da Osaka Shosen Kaisha, em que foi preciso, depois de uma luta com a nossa policia, prender toda a tripulação do vapor. Um ministro japonês, casado com estrangeira, viveu largos anos no Rio de Janeiro, e era tanto o amor que tinha á nossa terra que nem permitia aos seus filhos falassem a nossa lingua. O que ocorre em Iguape, se fosse bem observado pelos nossos polflicos, em vez de exemplo constantemente apontado como justificativo de tal imigração, serviria para nos mostrar de que é capaz essa gente que mansamente vai expulsando o pobre Géca de sua zona.

"Como defenderão os adéptos da imigração japonêsa o esforço por êles dispendido para que a concessão que lhes foi dada de terrenos ali chegasse até ao oceano? Felizmente, neste ponto, o Govêrno de São Paulo soube dar uma formal recusa.

"O brasileiro geralmente fica extasiado deante da organização japonêsa, sem se lembrar que é essa organização formidável que os torna perigóso. Sempre que um japonês morre no Brasil, são extraídas duas certidões de óbito, uma das quais vai para o Japão, dando-se o mesmo com o registro civil, de nascimentos e casamentos, ao qual a principio se recusavam aqui. Tudo isto mostra como são controlados pelo seu govêrno os japoneses que demandam o Brasil.

Não acredito, nem sequer, nas suas simpatias pelo nosso país, simpatias que nunca demonstraram. Apesar de saberem que os argentinos, muito mais prudentes que nós, os repelem, têm dado muito mais provas de simpatia á República vizinha do que ao Brasil.

Até hoje não se lembraram de fundar em nosso país nenhuma casa comercial, que tenha a importância das que mantêm em Buenos Aires. Máu grado conhecerem as grandes possibilidades nossas em relação ao bicho de seda, foram incapazes de dar desenvolvimento a tal indústria, provavelmente por ordem emanada do seu governo, quando, em menos de um ano, um brasileiro enérgico e de desconfiança, Dr. Luiz Pereira, com meia dúzia de italianos arrojados, montava em Campinas um estabelecimento, uma verdadeira maravilha, que muito nos honra.

“As nossas autoridades devem saber que o seu acatamento ás nossas leis não é tão proverbial como se propala, visto como chegam a desrespeitar até simples exigências do nosso Código Sanitário, organizando polícia própria e exercendo espionagem em alta escala. Bastaria que se fizesse um inquérito para verificar sob que título entraram em São Paulo tantos médicos, engenheiros agrônomos e outros profissionais japoneses. Os cultivadores de bananas do litoral poderão descrever a história de um distinto engenheiro agrônomo nipônico que, durante muitos anos, trabalhou nos bananais como operário esfarrapado.

“Vim do Japão para o Brasil com um rapaz simpático que se me afeiçoou de tal modo que eu o hospedei em minha casa, aqui, vários dias. Dizia-se pretendente á aquisição de terras em São Paulo, para estabelecer uma grande fazenda de criação. Tempos depois, pude verificar que esse cavalheiro era um simples funcionário do consulado japonês, que arranjára inteligentemente um meio de nos conhecer mais de perto.

“Dentro em pouco tempo veremos reunir-se uma conferência pan-americana de imigração em que o Brasil terá de proibir a entrada de japoneses, por maioria de votos dos seus companheiros do continente”.

Conheci Iguape, as colonias de Registro, mais uma vez o digo, quando fui, como diretor do Serviço Sanitário, cumprir as determinações do secretário do Interior de então, Dr. Rodrigues Alves. Alí fiz a profilaxia da malária e da opitação; alí verifiquei a situação dos nacionais, pois me demorei muitos dias, e a das colonias japonesas, que era magnífica como ordem e como organização; mas também, anos depois, ouvi os chefes políticos da localidade, coronel Jeremias Muniz e Sr. Sant'Ana. Eles, que tinham pedido a colonização japonesa, a mim confessaram que havia sido uma decepção. O braço nacional estava sendo deslocado

por toda a parte. E contaram-me o seguinte fato: Quando um sitiante se recusava a retirar-se, os japoneses compravam as terras próximas e, á tarde, iam, em trajes paradisíacos, porquê foram sempre favoráveis ao nudismo, homens, mulheres e crianças, desfilar em longas teorias de frente da casa do nosso géca que, ao cabo de algum tempo, tinha de se desfazer da propriedade.

Voltando mais uma vez á questão da naturalização, pude verificar que se naturalizavam aos milhares, não somente por ocasião da nacionalização da pesca a que já me referi. Quero, porém, a respeito, lér o depoimento de um dos homens mais conspícuos do Japão, tanto pelo seu valor político, como pelos seus títulos de alta hierarquia, o Príncipe Katsura. Encontrei estas asserções em Pooley, *Japan's Foreign Policies*, página 115: "Os japoneses que emigram continuam subditos japoneses, e nenhuma forma de naturalização os transforma".

O SR. TEIXEIRA LENTE — O mais insuspeito dos depoimentos.

O SR. ARTUR NEIVA — Agora, há um aspecto político que trago apenas como testemunho, afim de que esta Assembléia, em sua alta sabedoria, possa decidir. É uma contribuição das leituras que tenho feito.

O SR. TEIXEIRA LENTE — Muito valiosa.

O SR. ARTUR NEIVA — Agradecido.

Crow no *Japan and America*, sustenta que o Japão, quando se instalou no México, a todo transe procurava instalar suas colónias á beira mar, e, na entrevista dada pelo illustre Dr. Navarro de Andrade, recordava éle que o governo de São Paulo teve grande trabalho para impedir que os japoneses, naquele Estado, realizassem o mesmo *desideratum*.

Vem agora o testemunho que aludi. É de Nitobé, secretário da delegação do Japão na Liga das Nações. É um alto espírito. Foi convidado pelo governo norte-americano para proferir várias conferências nas universidades. É uma personalidade de escol. Foi quem coligiu e compendiou os preceitos morais que viviam, que flutuavam na memória dos samurais, e escreveu o admirável *Bushido*, a alma do Japão, livro que teve edições de milhões e milhões e que, para muitos, influiu nas vitórias de Tsushima, de Mudken, de Kiau-Chow.

Esse homem é incapaz de mentir. Á pagina 2, da primeira conferência na Universidade da California, assim se expressou:

"Os japoneses e os russos renovaram relações em circunstancias tensas nas planícies da Mandchuria em situação análoga á América e á Espanha em Cuba e nas Filipinas, ou ainda mais recentemente, os italianos e os turcos em Trípoli. Embora eu não deseje a quebra da amizade entre

os Estados Unidos e seus amigos, aqueles ainda poderão enfrentar alguns destes em conversas inamistosas nos pampas da América do Sul."

E o japonês trabalha para o futuro.

Uma das cousas que mais me impressionaram no Japão, foi vêr um nonagenário afeiçoando um pequeno pinheiro, que deveria ter a forma de um grande navio daí a duzentos anos. Nós na frase de Rui, plantamos a couve...

Quanta a adaptabilidade! Aliás, esquecia-me de lembrar aos preclaros ouvintes o depoimento dado aqui pelo emérito Dr. Pacheco e Silva, nobre representante de S. Paulo, meu presado amigo, a respeito do que é o japonês em questões de psiquiatria, campo que o ilustre especialista domina com tanta autoridade. É um depoimento sensacional!

Quanto á adaptabilidade, não é possível.

Kipling, em versos memoráveis, disse:

"East is East and West is West, and never the twain shall meet". (Oriente é Oriente; Ocidente é Ocidente, e nunca os dois se encontrarão).

É profundamente verdadeiro. O japonês continúa conservando sua escrita, apesar de alguns jornais como o "Osaka Mainichi", possuir edições superiores a dois milhões de números e ser muito mais difficil não seguindo, neste particular, o brilhante exemplo do Kemal Pachá. Do Ocidente só aproveitam o que desejam, o que querem. Trajes occidentais, só os usam na proporção de um para dez mil, entre homens e, entre mulheres, na de um para um milhão. As horas de expediente nas repartições públicas, o traje occidental é obrigatório; fora daí, usam quimono. Estimam tanto essas tradições que, até chegarem a Singapura, nos navios, a hora do jantar é anunciada pela corneta; daí em diante, pelo gongo. Estamos em pleno oriente.

Volam êles grande, pronunciado ódio ao branco, aliás, inteiramente justificado. O branco, no Oriente, merece êsse ódio. Registra isso Lafcadio Hearn, o maior conhecedor da alma japonesa, o irlandês que escreveu coisas soberbas sobre os japoneses, e que se naturalizou nipônico. Para alguém se naturalizar japonês, além do processo usual em vários países, pode-se também utilizar um antigo costume. O indivíduo casa-se com mulher japonesa e adota o nome da familia da esposa. Aquele autor, que era professor numa universidade, teve, incontinenti, os ordenados reduzidos. Os últimos dias passou-os amargurado, porquê sentia um ódio crescente aos brancos por parte dos nipônicos.

Nãa há reciprocidade alguma quanto aos títulos de profissões liberais. Ninguém, pelo menos até bem pouco tempo, podia revalidar diploma no Japão: nem médico, nem engenheiro, nem advogado, nem de qualquer outra profissão li-

beral. O estrangeiro só com dificuldade pode adquirir um palmo do território japonês, tais as restrições impostas.

Nitobé numa das suas últimas conferências, chamava a atenção para a circunstancia de que o Japão não aspirava á posse da Mandchuria, sinão para ter nela ascendente, e amparar os seus grandes interesses ali postos. O regime que queria, era exclusivamente, o de porta aberta.

Cinco anos depois dessa conferência, que é a última do livro, o Japão envia á China os 21 pontos, obrigando-a praticamente á vassalagem, o que se verificaria si os Estados Unidos não tivessem intervindo, ás pressas.

A Mandchuria foi sempre pretexto para a afirmativa de que o Império Nipônico precisava de mais terras; entretanto, o próprio Nitobé afirma, á pagina 220 do seu livro já citado, que a Coréa e a Ilha de Formosa poderão produzir arroz suficiente para alimentar a população japonesa inteira. Assim sendo, depois da conquista da Mandchuria, que é maior que o Amazonas, como explicar o fato que me foi narrado pelo eminente Deputado Raul Fernandes, de que o representante do Japão na Liga das Nações fez ao mesmo um apêlo patético afim de impedir que a questão de imigração fôsse objeto de decisão soberana de cada país, declarando que o japonês precisava emigrar, pois, o solo não bastava para alimentar a população?

Note-se ainda que as invasões da Mandchuria e da Coréa foram feitas com franca violação das obrigações contraídas por parte do Japão, conforme o declara Snowden, no seu brilhante artigo *La civilisation occidentale*, no *Le Mois*, de Abril do ano passado, embora seja, como eu, grande entusiasta do Japão.

O ilustre Deputado Moraes Andrade justamente se regosija com o grande progresso material das colonias japonesas, de Tietê, e Registro. Entretanto Mc-Govern no *Modern Japan* descreve prodígios de transformações materiais realizadas pelos japoneses, na Coréa, Formosa e Mandchuria, protestando, porém, contra os métodos empregados, de tal forma duros, que os habitantes anseiam ardentemente pela independência ou transferencia de sua submissão para senhor mais brando, como fez a Coréa na Conferência de Paz, em 1918.

Aquí, Sr. Presidente, nesta Assembléa, um ilustre representante da bancada do Rio Grande, o Sr. Argemiro Dorneles, chamou-nos a atenção para o fato de que até hoje nenhum filho de japonês se apresentou para servir nas fileiras do Exército.

Essa colaboração falta sempre. A meu amigo, Dr. Aoi-gui, pedi se tentasse cultivar o bicho da sêda e o chá em São Paulo, e êle me respondeu: "Já estudamos o problema e verificamos sua impraticabilidade". Tempos depois, a

energia paulista iniciava a indústria nova da sêda, no Brasil, e, imediatamente, os japoneses começavam a colaborar. O chá se planta, hoje, em três Estados. Nunca fizeram aqueles imigrantes essas culturas porquê, de alguma forma, isso iria ferir interesse da mãe-pátria, e êles são fanaticamente patriotas.

Vejo, no Norte, uma aspiração para se incorporarem os japoneses á sua massa. E contra isto se levanta o culto espirito de Vivaldo Coaracy, quando, em seu livro *Problemas Nacionais*, afirma que o simples bom senso demonstra como seria indesejável a injeção em grande massa de elementos asiáticos no norte do Brasil que ainda não está economicamente independente.

O SR. XAVIER DE OLIVEIRA — Talvez do Maranhão para diante.

O SR. ARRUDA FALCÃO — No Norte, há uma aspiração de luta contra a ruína econômica, contra a pobreza enorme que ameaça o Brasil, como a derrota ameaçava a França nos campos da guerra; considera-se acolá que os gaúchos estão para erguer uma estátua a Silveira Martins, porquê instituiu a colonização alemã, e se compreende que é preciso povoar o solo, dar densidade á população, de modo a resolver todos os problemas econômicos da região e executar os grandes trabalhos públicos de adaptação do território.

O SR. ARTUR NEIVA — Mas, densidade de população existe no Norte, e das mais elevadas. Alagoas, depois do Rio de Janeiro, é o Estado de maior densidade de população, e, no entanto, a pobreza ali não deixa de crescer.

O SR. CLEMENTE MARIANI — Pode V. Ex. citar também a Paraíba. O operário rural ali ganha mil réis por dia, e não tem trabalho.

O SR. ARTUR NEIVA — Há um ponto para responder, ainda, ao nobre Deputado por Pernambuco. O que nos falta é organização do trabalho. (*Muito bem*). O meu depoimento é insuspeito, porquê também nasci naquelas paragens e as conheço bem.

O SR. VASCO DE TOLEDO — A Nação brasileira precisa despertar e reconhecer que, no Norte, estão os homens que vêm resistindo, há séculos, ás intempéries a que nenhum outro povo seria capaz de resistir. Por conseguinte, é raça de atividade e de resistência ao trabalho como poucas.

O SR. ARTUR NEIVA — Neste particular, meu amigo, o emérito professor Roquette Pinto, diz uma verdade; (agora, sim, estamos de acôrdo), no seu livro *Notas sobre tipos antropológicos*, e é uma resposta ao caso do nobre colega, que me deu o aparte, Sr. Arruda Falcão:

“Aos responsáveis pelos destinos deste país presta a Antropologia um enorme serviço, apresentando-lhes documentos que não devem ser desprezados, em benefício de fantasias retóricas, desanimadoras.

A Antropologia prova que o homem, no Brasil, precisa ser educado e não substituído". (*Muito bem; apoiados gerais.*)

Há uma questão importante: eles já tomaram conta da concessão paráense e fazem trabalhar os índios *maués* sob suas ordens, explorando o guaraná.

Querem, agora, entrar no Maranhão; já estão se insinuando no Piauí, onde o Sr. Hatori deseja colocar japoneses, nas colônias agrícolas de David Caldas e Dr. Sampaio. E a invasão do norte se intensifica. O Sr. Noda já visitou o Amazonas para vêr se o japonês poderia ali viver. Pura fórmula. O japonês vive perfeitamente em Java e Sumatra, que são mais quentes do que o Amazonas.

O SR. CLEMENTE MARIANI — V. Ex. começou a tratar da localização dos japoneses na zona marítima, parece-me que, naturalmente visando desenvolver a sua penetração, depois, para o interior, em direção a pontos da orla oposta do oceano. V. Ex. não continuou, entretanto, a explanar esse assunto, que se me afigura fazer parte de sua brilhante exposição.

O SR. ARTUR NEIVA — Agradecendo a eficiente colaboração de V. Ex., devo declarar que, efetivamente, cabe aqui a referência que pretendia fazer sobre a localização dos japoneses no interior do país, o que equivale a dizer, sua penetração. Os últimos dados sobre o assunto são fornecidos pelo professor Bruno Lobo, no seu livro "De Japonês a Brasileiro", já citado, e onde, á pagina 122, estampa um mapa japonês fornecendo tais dados relativamente ao ano de 1931. Por êle verificamos que além dos que se encontram fixados em São Paulo, existiam 3.720 no centro do Paraná, 2.115 no Triangulo Mineiro, 1.430 no sul do Mato Grosso, 1.150 na Capital Federal, 753 ás margens do Tocantins no Pará, 132 na parte oriental do Estado do Amazonas e sete no Espírito Santo.

O SR. ALVARO MAIA — No Amazonas, os japoneses não conseguiram resultado com a plantação do guaraná. Cinco anos depois — já no govêrno revolucionário, chegaram 20 especialistas japoneses, vindos das Faculdades do Japão; lá estão estudando o solo, tirando conclusões para nova safra, para novamente lavrar a terra, definindo, atnda uma vez, êsse espírito de organização que V. Ex. salientou.

O SR. ARTUR NEIVA — Organização realmente admirável. E, no Pará, plantam e exploram o algodão, colhido por japoneses, enviado para o Japão em navios japoneses; e, segundo depoimento de um prezado amigo meu, o projecto Dr. Sales Gomes, tão bem conhecido da nobre banca paulista, presidente de uma das companhias de tecidos de Sorocaba, foram os japoneses que, concorrendo conosco, deslocaram os tecidos brasileiros de Buenos Aires. Eu poderia lêr, mas o farei em outra oportunidade, si ocor-

rer, a justificação da emenda na parte referente aos japoneses.

Peço aos nobres colegas desculpas, si os traumatisei. (*Não apoiados gerais.*)

O SR. TRIXEIRA LEITE — V. Ex. está proferindo notável discurso. (*Muito bem.*)

O SR. ARTUR NEIVA — Muito agradecido. Não posso, entretanto, deixar de acentuar que se criou um preconceito importante sôbre o clima tropical. Meu sapientíssimo mestre, professor Miguel Couto, de doenças tropicais poderá dizer, muito melhor do que eu. Tal preconceito, porém, está passando: o saneamento resolve todos os problemas.

Gorgas, que foi o saneador de Havana e o grande saneador das maiores obras públicas que jámais o homem realizou, o canal do Panamá, onde o gênio francês de Lesseps fracassou, Gorgas escreveu afirmando que a civilização branca se pode desenvolver inteiramente em todas as condições, nos trópicos como em qualquer outra zona; que a cidade de Colón, um dos grandes matadouros do mundo, ficou com o índice de letalidade mais baixo que o menor conhecido — o da Nova Zelândia. E aqui mesmo podemos ter a recordação do que foi a obra imorredoura de Rodrigues Alves, guiado pelo imortal Oswaldo Cruz, nesta cidade, onde os navios nem podiam desembarcar passageiros, os quais, na Europa, eram avisados de que não se podia tocar em portos brasileiros. E essa obra nós a realizamos em quatro anos!

O SR. CLEMENTINO LISBÔA — Estou ouvindo com muita atenção o cintilante discurso de V. Ex. e felicito-me pela justiça que faz ao Norte, pois sou paráense. V. Ex., entretanto, deve assinalar que os fatos que se têm dado no meu Estado, facilitando a imigração dos japoneses e outros povos, devem-se, sobretudo, ao descaso com que têm sido tratadas aquelas zonas pelos governos federais. (*Muito bem.*) Estamos abandonados pelos governos, não podemos, assim, valorizar as nossas riquezas; por essa razão recorremos ao braço alheio.

O SR. ARTUR NEIVA — Mas o aproveitamento de braços nacionais, meu presado colega, tem contribuído para a grandeza do próprio Estado de São Paulo, na zona da Noroeste como, ainda outro dia, afirmou o nobre Deputado Sr. Monteiro de Barros. Essa mesma gente, depois de fazer um percurso de 1.600 quilômetros a pé, derruba matas, abre caminhos, planta, semeia e outros colhem.

O SR. CLEMENTINO LISBÔA — É muito patriótico e louvável. Mas deve-se fazer também pelo Norte, que está completamente abandonado. O problema é brasileiro e não do Sul.

O SR. ARTUR NEIVA — É brasileiro e só por isso estou aqui.

O SR. TEIXEIRA LEITE — V. Ex. está fazendo uma oração no sentido nacional.

O SR. ARTUR NEIVA — Exclusivamente.

Esqueci-me de referir um outro episódio. Os norte-americanos, que tiveram o contrato, dado pelo governo, para construção da Madeira-Mamoré, contrataram incontinenti 4.000 pretos de Barbados e abandonaram aquela gente que tinha defendido a região contra a vontade do governo e adquirido para a Nação um território como o Acre. Experiência análoga foi tentada também por Ford na Amazônia. É esta a situação para o nordeste.

O SR. CLEMENTINO LISBÔA — V. Ex. há de fazer justiça que a culpa foi do governo federal, que não previu o caso.

O SR. ARTUR NEIVA — De acôrdo, e a êste propósito escrevi, há anos, um artigo intitulado *O colapso amazonense*, coligido no meu livro *Daquí e de longe...*

Dizia eu que a questão é de saneamento. Naturalmente houve época no Brasil em que se levantou a questão do saneamento do sertão. Mas saneamento do sertão é cousa inteiramente lírica, é uma fantasia. É como se alguém pretendesse irrigar o deserto de Gobi. Saneamento só se faz em zona onde há condensação humana e no Norte podemos realizá-lo.

O Norte tem bom clima, porquê o conceito de clima foi alterado pelos estudos iniciados em 1912 por Leonard Hill. Antigamente, clima era pressão atmosférica, temperatura, humidade; hoje, é tudo isso mais movimento de ar. Os nobres Deputados sabem que em certas zonas do Norte a sensação de clima é verdadeiramente muito melhor do que em Santos e no Rio de Janeiro, pois as virações são constantes. Embóra a média da temperatura seja mais elevada, o movimento de ar é maior, dá melhor sensação de *zona de conforto*, como a chamam os americanos.

A questão é de doença. Posso citar um exemplo em São Paulo, o grande Estado, consôlo da nossa cultura. Alemães representantes de um povo capaz, por todos os títulos, alí na contiguidade da cidade de São Paulo, em Santo Amaro, porquê se viram desamparados pelo saneamento e não tiveram suficiente cultura para se defender, regrediram e deram um tipo ainda mais degenerado que o *géca*, cabôclo.

A malária e a ancilostomose são as endemias mais entreadoras do nosso progresso, pois vão do litoral aos sertões, do Acre ao sul do país. O meu amigo, Sr. Adolfo Konder, nobre Deputado por Santa Catarina, pode testemunhar que organizei uma campanha contra a malária, nas montanhas do seu Estado natal, bem longe do litoral, nas Caldas da Imperatrís.

Lembro-me de ter lido alvures, que nesta cidade do Rio de Janeiro, em 1827, Kotzebue, almirante russo, trouxe uma frota em que vinham vários naturalistas, declarando ao partir, depois de alguns meses, com o assentimento unânime de todos os sábios que o acompanhavam, que esta cidade do Rio de Janeiro, tão bela, nunca deixaria de ser a aldeia africana em que haviam vivido alguns meses.

Menos de um século depois, houve uma resposta eloquente.

O próprio São Paulo pode servir de exemplo e de termo de comparação. O que era Santos em 1850 e hoje o que é Santos, com índice de letalidade dos mais baixos? Não foi obra de brasileiros que realizou isso? (*Apoiados*). O saneamento pode-se fazer. Faltam-nos recursos. Esta é outra questão. Higiene e instrução só se fazem com recursos. Onde buscá-los? Não sei.

O SR. CLEMENTINO LISBÔA — Essa é a grande questão. Os recursos não são dados ao Norte.

O SR. CLEMENTE MARIANI — E os estrangeiros não trazem os recursos.

O SR. ARTUR NEIVA — Fui testemunha da energia dos brasileiros, chefiados pelo meu presado amigo e eminente brasileiro que é o professor Sampaio Correia. Ali, na Noroeste, aquela obra foi feita exclusivamente por brasileiros de todos os Estados, lutando contra o índio Caingangue, a maleita e a úlcera de Baurú, e construindo uma estrada de ferro. O desenvolvimento daquela zona, porém, é uma realização que somente a energia paulista podia fazer, capaz de suportar o cotêjo com o que os *yankees* realizaram de maior. E nessa zona, grassava intensamente o impaludismo como grassava em várias outras cidades, no tempo em que o secretário do Interior, Sr. Oscar Rodrigues Alves organizou o serviço sanitário para combater esse mal, o que foi feito em 18 localidades, hoje das mais prósperas.

O SR. ARRUDA FALCÃO — V. Ex. devia, nessa altura, citar o Sr. Cincinato Braga, notável brasileiro, que...

O SR. ARTUR NEIVA — Citei-o no começo da minha oração. Já o fiz por duas vezes. Tenho por S. Ex. o maior entusiasmo e apreço.

O SR. ARRUDA FALCÃO — ... que escreveu, em combate ao Sr. Epitacio Pessoa, desaconselhando as obras contra a seca e aconselhando a retirada em massa das populações flageladas. Deveria no entanto S. Ex. se lembrar de que, á margem dos terrenos flagelados, calcinados pelas secas, corria agua abundante, a agua do S. Francisco, onde um govêrno bem orientado compreenderia que ali se poderiam fazer as mesmas obras que foram realizadas na Babilônia, com o levantamento do nivel do rio.

O SR. MEDEIROS NETO — Não é problema para as nossas possibilidades.

O SR. ARRUDA FALCÃO — Custaria menos do que foi gasto nas outras obras que se tentaram contra as sêcas, custaria menos do que dispendeu o Govérno para combater o movimento político de São Paulo. As obras de irrigação pelo levantamento do nível do São Francisco foram orçadas em 300 a 400 mil contos e a revolução de São Paulo custou mais de um milhão de contos.

O SR. MEDEIROS NETO — Em todo o caso, o problema está fóra do tema desenvolvido pelo orador.

O SR. ARTUR NEIVA — Esta Assembléia poderá, na sua alta sabedoria, resolver consultando os interesses da Nação, a melhor maneira de solucionar o problema da imigração: ou permitindo apenas a entrada de elementos de raça branca, como quer a emenda da bancada baiana, ou restringindo a imigração de côr, como muitos sugeriram, inclusive o eminente mestre Miguel Couto...

O SR. TEIXEIRA LEITE — Vamos proibir, que é melhor.

O SR. ARTUR NEIVA — ... ou criando um aparelho de distribuição e triagem e enviando os imigrantes, segundo a categoria e os tipos, distribuindo-os por varias zonas do país.

O SR. CLEMENTE MARIANI — Esse aparelho já existe e se tem mostrado inefficiente.

O SR. TEIXEIRA LEITE — Muito bem; vamos proibir.

O SR. ARTUR NEIVA — Aliás a emenda baiana na sua justificação, dizia:

"Si, porventura, nós não tomarmos providências a respeito, então, os japonezes hoje, chineses amanhã, malaios e hindús mais tarde, assirios que disso já tratam, enfim, povos de todas as raças, langidos pelas situações economicas dos países em que se acham, ou expulsos das patrias em que se encontram, algumas vezes ha mais de mil anos, como ocorre com alguns nucleos de judeus na Alemanha, poderão vir para o Brasil, em crescentes migrações, deslocando o trabalhador e aumentando seu pauperismo pela sua exclusão de empreendimentos feitos no seio da propria patria.

Vivaldo Coaraci nos *Problemas Nacionais*, editado em 1930, diz que "Nós costumamos pensar em termos de anos ou de quatrienios, quando muito. Os mongóes pensam em termos de decenios ou de seculos. Tais são os fatos. Vamos assistindo, de braços cruzados, a esta infiltração de amarelos, sem que tomemos a menor precaução, e menor medida de higiene social, o menor interesse para evitar que tenhamos no futuro, dentro do país, um sério problema racial a resolver".

E enquanto isso ocorre, por uma má compreensão dos phenomenos brasileiros que muitas vezes são analisados superficialmente ou resolvidos á distancia, nos gabinetes, o trabalhador nacional que já deu imensas provas de capacidade, tenacidade, espirito de sacrificio, realizando a obra ciclopica da civilização amazonense, e que ainda hoje se desloca em migrações ás dezenas de milhares á busca de melhor salário, percorrendo milheiros de quilômetros a pé para os trabalhos da derrubada ou da colheita em São Paulo, ou para os garimpos de Goiaz, demonstrando a excelência do material humano que o compõe, vai sendo alijado de tudo por falta de uma assistência tecnica adequada, de meios de transportes apropriados, de organização do trabalho e longe de poder assimilar os elementos alienigenas que em grande proporção aqui aportam, irá aos poucos cumprindo seu fardario, caso a Nação não vá ao seu encontro impedindo de ser despojado e expropriado de tudo no seio da propria terra em que nasceu e dominou, incorporou á civilização, reproduzindo a triste sina dos indigenas senhores da terra e que hoje vão desaparecendo, abandonados, perseguidos e até excluidos por muitos da propria comunhão humana”.

Com sinceridade — nesta altura da vida, tem-se de ser sincero *quand même*, porquê o que me preocupa não é a patria dos antepassados, pois, em prazo mais ou menos curto, ou mais ou menos longo, a êles irei juntar-me; o que me preocupa, sobretudo, é a pátria que vão ter meus filhos, a patria dos nossos descendentes. (*Muito bem*). Então, vamos nos defender, procurando a todo transe, inspirados em altos propósitos de patriotismo, resolver o problema porquê no meu conceito, para o Norte ha necessidade, sobretudo de tres cousas:...

O SR. ARRUDA FALCÃO — A primeira — capitais.

O SR. ARTUR NEIVA — ... capitais, organização de trabalho...

O SR. ARRUDA FALCÃO — Decorre da outra.

O SR. ARTUR NEIVA — ... e copiosa imigração branca, que lá pode viver como em qualquer ponto do país. (*Muito bem; muito bem. Palmas prolongadas. O orador é vivamente cumprimentado.*)

N. 1.053

Art. 128, § 2º — *Só será permitida a imigração de elementos da raça branca, ficando proibida a concentração em massa, em qualquer ponto do país.*

Justificação

Ninguém suponha que o sinatário da emenda tenha, nem de longe, qualquer preconceito de raça. Sôbre isto já mani-

festou de público sua opinião, em artigos pela imprensa e depois compendiados em livro.

A solução que o brasileiro deu ao problema de raças, foi a mais inteligente possível e, em prazo menor de um século, estará para nós inteiramente resolvido.

Por isso, qualquer tentativa que se faça para renová-lo com a imigração de novos fatores que virão impedir e alterar a assimilação dos elementos étnicos que formaram o povo brasileiro, deve ser impedida, atendendo-se a uma elementar prudência.

O sinatário sabe perfeitamente o quanto deve o Brasil á raça negra, sem cujo concurso teria sido impossível incorporá-lo como componente nova á causa geral da civilização.

O brasileiro descendente do luso, do negro e do índio, fez em quatro séculos obra notável de colonização justamente em zonas onde povos reputados grandes colonizadores falharam, como ocorreu com o inglês, o holandês, e o francês nas Guianas, enquanto o brasileiro realizou o trabalho imenso da conquista e civilização da Amazonia.

Si governar, porém, é povoar, como dizia Alberdi, temos que considerar também, que governar é prever. O Brasil dá o exemplo único em todo o mundo de um povo onde não existem preconceitos de raça e religião, o que tem chamado a atenção de vultos internacionais, como Roosevelt e Kayserling, entre outros. E não seria oportuno alimentar correntes migratórias de homens de cor, sejam de asiáticos ou de pretos africanos e americanos, portadores de outras linguas e principios religiosos.

Certa vez, uma empresa inglesa, que tentou a exploração da borracha de maniçoba no Piauí, procurou importar pretos barbadianos, desprezando a mão de obra local mais barata e talvez melhor, porém, com sentimento de liberdade muito maior. Os norte-americanos que trabalharam na estrada de ferro Madeira-Mamoré, embora dispondo de mão de obra nacional abundante e barata, preferiram contratar grandes lévas de negros barbadianos.

E esta gente, seja no Piauí, seja na Amazonia, trata o autoctone, mesmo os brancos, de cima para baixo, sentindo mais orgulho em se considerar súditos britânicos, do que pertencer á mesma raça que emigrou da Africa para povoar os países recém-descobertos da América.

Si o Brasil quizer aproveitar a lição dos fatos ocorridos aqui e alhures e muito recentemente em Cuba, deve, já que resolveu seu problema da maneira mais humana, não introduzir germens profundos de discórdia que criarão mais um problema e este, talvez, insolúvel. Com o desenvolvimento da indústria assucareira em Cuba, os norte-americanos, grandes proprietários das usinas, começaram a importar mão de

obra negra, menos independente e mais barata, composta de haitianos, jamaquinos, barbadianos, martiniquenses e portorriquenses, que aos poucos desalojaram os operários espanhóis que fizeram a grandeza de Cuba, como aqui os portugueses, e que aos milheiros voltaram famélicos e empobrecidos ao seio da pátria deslocados pela invasão negra, tão bem denominada por Araquistain de "africanização de Cuba".

Ramiro Guerra, autor de uma notavel História de Cuba, estudou, em capítulo intitulado *Un cuarto de siglo de evolución cubana*, o problema da raça negra em Cuba e, segundo seu depoimento, o assunto estava se resolvendo favoravelmente pelo aumento da natalidade e imigração espanhola que tinham ampliado o núcleo fundamental da nação.

Em cincoenta anos "una tremenda ola de esclavitud invadió a Cuba" realizando verdadeira transmutação de valores, pois, em lugar de 56 % de pessoas brancas, viu que a proporção tinha caído a 44 %.

Em 1889, segundo o mesmo autor, em consequência do poder assimilador do espanhol, os habitantes de cor atingiram a proporção de 33 % e em 1923 os pretos alcançavam 27 % da população.

De 1925 a 1926 a importação de trabalhadores jamaquinos e haitianos aumenta, atingindo em dois anos total superior a 43 mil habitantes, cifras oficiais, sem contar os que entraram clandestinamente; e esta gente vai automaticamente deslocando trabalhadores brancos de outros países em proporção igual ao número dos que chegam.

As companhias importadoras deste braço têm por contrato a obrigação de fazer devolver ao seu país de origem os pretos importados, mas no dizer do redator do *El País*, de Havana, justamente ocorre ao contrário: "La inmigración haitiana viene con pretexto de la zafra, pero luego se desvía hacia las poblaciones y jamás vuelve a los ingenios de su patria. De lo cual resulta que al año siguiente se hace necesario introducir otro contingente de haitianos, y a ese paso se llegará a la haitinización de Oriente".

Ramiro Guerra antevendo a situação de horror por que passa hoje Cuba, escreveu em um dos capítulos intitulado "Desesperada esperanza", as seguintes conclusões: "Devemos restringir o latifúndio, cada vez mais ampliado pela organização de emprêsas estrangeiras. Devemos conceder terra própria ao cultivador e sobretudo proibir severamente a importação de braços haitianos e jamaquinos, não por serem negros, mas por serem demasiado baratos, porque ou isto se faz ou a alternativa para Cuba só será esta: Barbados ou Canadá. E, profeticamente, textualmente dizia, "ou isto realizamos ou então sobrevirá "una catástrofe social semejante a la que, en un brevisimo espacio de tiempo, redujo a pavesas la riqueza de Haiti a fines del siglo XVIII, mante-

niendo la isla, por más de ciento treinta años, al margen de la civilización."

Desgraçadamente esta profecia realizou-se e basta lèr os artigos, na revista *Current History*, de Hubert Herring, intitulados *The Downfall of Machado* e *Can Cuba Save Herself?* publicados nos números de outubro e novembro do corrente ano, para que qualquer se dê conta da gravidade do problema, sobretudo pelo clamor levantado pelas forças comunistas dali, agitando a bandeira contra os preconceitos de raça que lá não existiam, pois o povo cubano tem como fundamento o espanhol, o negro e o índio, mas que, pelo deslocamento trazido pela importação de populações jamaíquinas e haitianas sobretudo, afastaram o trabalhador nacional e suscitaram tal problema.

E, textualmente diz Herring, no número do mês passado: "The Communists have raised the cry of race prejudice and are rapidly gaining adherents among the Negroes, a group of some million persons in Cuba. Communism may prove to be one of the major complications in any orderly settlement of the Cuban question".

As opiniões acima exaradas são de um autor norte-americano que friamente, nestes dois artigos, historia e narra os episódios de que foi testemunha na tragédia de Cuba, centro de grande prosperidade ainda há muito poucos anos atrás, quando Havana depois de atingir talvez o mais alto padrão de vida conhecido em todo o mundo, alcançou em consequência da organização industrial do açúcar e da importação do braço negro, a situação de crescente anarquia em que atualmente se debate.

Em 1921, o signatário, no segundo artigo publicado no Estado de São Paulo, sob o título "Presente de Negros", a propósito de uma nova tentativa de organização de uma empresa colonizadora do Brasil, fundada nos Estados Unidos, estuda o problema, mostrando que assim se fundou a Libéria, república africana que teve sua origem nos esforços de várias sociedades de colonização norte-americanas e européas, até que se transformou em república em julho de 1847, e assim se exprimia: "Cada qual resolve seus problemas como entende. Nós pensamos ter encontrado a melhor solução. No Brasil nunca houve preconceitos de raça. Os Estados Unidos tomaram medidas drásticas contra os bolchevistas russos que lá se encontravam, afim de garantir a tranquilidade de seu povo. O senso comum está a nos indicar que devemos evitar, a todo o franse, esse imprudente desafio a futuras e inevitáveis tempestades domésticas que pareciam estar definitivamente afastadas.

Caso sejam suscitadas pela presença de uma força catalítica, como seria a vinda de um núcleo de pretos hipersaturados de ódio contra o branco, quem, com segurança, poderá prever o curso dos acontecimentos futuros? Sei que o pa-

pel de Cassandra não é simpático; pouco, porém, nos importa si temos a convicção de que estamos cogitando de altos interesses nacionais.”

Nunca o signatário chegou sequer a compreender o preconceito de raças, sempre nutriu admiração pelos judeus, a mais antiga raça existente e das mais capazes da humanidade.

A política dos povos, no entanto, só é função de situações econômicas, e bastou que os judeus dobrassem de número em nove anos na Palestina, de onde são originários, e para onde voltaram em consequência do govêrno da Palestina, formado após a guerra, para que a situação política daquela região se alterasse profundamente, estabelecendo sérios conflitos e profundas perturbações econômicas, consequentes á afluência para o próprio seio da pátria, de pouco mais de 80 mil judeus no decurso de nove anos. Como, porém, apenas 5 % da população judaica se entrega á agricultura e 75 %, segundo os dados fornecidos pelo recenseamento levado a efeito em 1931, sob a direção do Sr. Eric Mills, e cujo relatório acaba de ser publicado, (*Current History*, vol. XXXIX, n. 2, p. 249) se concentra nas cidades, estabeleceu-se tal desequilíbrio que o govêrno inglês está procurando resolver, com urgência, a situação, sobretudo depois que a imigração judia aumentou em consequência das perseguições sofridas na Alemanha por aquele povo.

Sendo sincero partidário dos judeus e um convencido de que a decadência portuguesa se processou em consequência das perseguições a êle movidas de 1511 a 1540, não deixou de impressionar ao signatário que, depois da expulsão dos judeus, Portugal perdesse sua independência em 1580.

O povo brasileiro já está amalgamado com os elementos semitas para aqui vindos desde os primeiros dias do descobrimento, mas a Nação deve precaver-se contra a imigração em massa de não importa que elementos que poderão crear situações novas no país. A não ser que queiramos transformar o Brasil, propositadamente, numa colcha de retalhos etnográfica, qual foi a Austria, dividida por dissensões étnicas, linguísticas e religiosas que acabaram por destruí-la.

A intenção do signatário quando se refere á imigração de elementos da raça branca visa, e não deve ocultar, os povos asiáticos.

Pensa que ao Brasil assiste o mesmo direito que tiveram os governantes japoneses quando, por mais de dois séculos, de 1640 a 1857, fecharam seus portos aos estrangeiros afim de salvarem sua independência, o que realizaram, pois o Japão foi o único país da Asia que não se transformou de povo livre em colônia.

Porém, por mais que admire os nipões, muito mais amor consagra á Pátria que se deve precaver contra uma colonização de povo de mentalidade estranha, de lingua diversa, religião diferente e positivamente inassimilável, até nas regiões asiáticas, onde vivem encerrados em concentrações e como é sabido, ocorre com todos os povos asiáticos e o autor poudo verificar em Mauritius, onde chineses, hindús e malaios vivem há mais de século separados conforme as raças, religiões e agrupamentos que absolutamente não se fundem.

Os japoneses já formam no Brasil uma população que se aproxima de duzentas mil almas concentradas sobretudo no Estado de São Paulo, onde dão provas das altas qualidades de cultura, disciplina, organização e capacidade de trabalho.

Si continuarem no entanto, a entrar na proporção que vai se aproximando de 30 mil japoneses por ano, teremos ao cabo de um decênio, cerca de 300 mil japoneses, que adicionados aos já existentes e seus decendentes, formarão núcleo superior a meio milhão de japoneses, que aos poucos deslocarão o trabalhador nacional, o que será fácil, e mais tarde o próprio italiano e sírio, como aliás já vai ocorrendo.

Ninguém tem maior admiração pelo Japão do que o signatário, pois bem o conhece e também sua maravilhosa história. Mas não é possível, embora reconheça que constituem elementos de produção, deixar que os japoneses se desenvolvam entre nós sem peias nem medidas, á custa do humilde e olvidando o Géca, eterno relegado no seio da própria pátria.

Os japoneses constituíram grandes núcleos de colonização em São Paulo, já penetraram em Mato Grosso, já existem em Goiás e no Pará, onde, com alto espírito de organização, fundaram uma colônia que planta arroz e algodão que são exportados para o Japão, em navios japoneses, dando uma demonstração de que naquelas regiões ferazes, quasi nada fica do esforço nipônico para a coletividade, pois toda a colônia é japonesa, tudo trabalhado por filhos daquele país e o produto por eles plantado e colhido é transportado em vapores também japoneses para a mãe pátria.

Jámais aqui suscitará nenhuma plantação de chá ou criação de bicho de seda, porque, si tal fizessem, iriam ferir os interesses do Japão, e nós sabemos que futuro extraordinário estará reservado ao Brasil com a exploração e criação do bicho de seda, cujo ciclo evolutivo se opera entre nós várias vezes, e em menor número no Oriente.

Em 1933, Miguel Couto, o mais tolerante dos nossos grandes espíritos, relembra que em outubro de 1931, na Sociedade das Nações, o embaixador Yoshizawa afirmava:

“Tocar na Mandchúria onde o Japão tem enormes capitais empregados, é atentar contra a existência mesma do Japão” e acrescenta o professor Couto: “Substitua-se a Mandchúria por Amazonia, China por Brasil, onde existem mais de 500.000 hectares de terras japonesas e as profecias mais arriscadas e obscuras se iluminam como realidades presentes”.

O fato é que no decorrer deste ano, afrontando o mundo inteiro, inclusive os Estados Unidos, com uma rara e oportuna demonstração do senso das realidades, o Japão, desligando-se da Liga das Nações, que em peso se levantou contra ele, e desafiando os Estados Unidos, se apoderou, á mão armada, de tôda a Mandchúria, com mais de dois milhões de quilômetros quadrados, maior ainda que a Amazonia, e com quarenta milhões de habitantes.

Si, porventura, o Japão reclamava um lugar ao sol para poder dar vasão ao excesso da sua população, nós devemos reconhecer que tal aspiração está satisfeita com a posse da Ilha Formosa, pela conquista da Coréa e pela apropriação da Mandchúria, onde mais uma vez ficou demonstrada a alta eficiência do poder militar japonês e o inexcedível patriotismo de seus filhos, na luta que travaram contra a espoliada China sem que tivesse nunca havido declaração de guerra.

Si, porventura, nós não fomarmos providências a respeito, então, os japoneses hoje, chineses amanhã, maláios e hindús mais tarde, assírios que disso já tratam, enfim, povos de tôdas as raças, tangidos pelas situações econômicas dos países em que se acham, ou expulsos das pátrias em que se encontram, algumas vezes há mais de mil anos, como ocorre com alguns núcleos de judeus na Alemanha, poderão vir para o Brasil, em crescentes migrações, deslocando o trabalhador nacional e aumentando seu pauperismo pela sua exclusão de empreendimentos feitos no seio da própria pátria.

Vivaldo Coaraci nos “Problemas Nacionais” editado em 1930, diz que “Nós costumamos pensar em termos de anos ou de quadriênios, quando muito. Os mongóes pensam em termos de decênios ou de séculos. Tais são os fatos. Vamos assistindo, de braços cruzados, a esta infiltração de amarelos, sem que tomemos a menor precaução, a menor medida de higiene social, o menor interesse para evitar que tenhamos no futuro, dentro do país, um sério problema racial a resolver”.

E enquanto isto ocorre, por uma má compreensão dos fenômenos brasileiros que muitas vezes são analisados superficialmente ou resolvidos á distancia, nos gabinetes, o trabalhador nacional que já deu imensas provas de capacidade, tenacidade, espírito de sacrifício, realizando a obra ciclópica da civilização amazonense, e que ainda hoje se desloca em migrações ás dezenas de milhares á busca de melhor salário,

percorrendo milhares de quilômetros a pé para os trabalhos da derrubada ou da colheita em São Paulo, ou para os garimpos de Goiás, demonstrando a excelência do material humano que o compõe, vai sendo alijado de tudo por falta de uma assistência técnica adequada, de meios de transportes apropriados, de organização do trabalho e longe de poder assimilar os elementos alienígenas que em grande proporção aqui aportam, irá aos poucos cumprindo seu fadário, caso a Nação não vá ao seu encontro impedindo de ser despojado e expropriado de tudo no seio da própria terra em que nasceu e dominou, incorporou á civilização, reproduzindo a triste sina dos indígenas senhores da terra e que hoje vão desaparecendo, abandonados, perseguidos e até excluídos por muitos da própria comunhão humana.

E', por outro lado, obvio que não convém aos interesses nacionais a concentração em massa de elementos alienígenas, pois nessas condições sua assimilação se tornaria muito mais lenta e difficil.

Sala das Sessões, 19 de dezembro de 1933. — *Arthur Neiva.* — *Medeiros Netto.* — *Leoncio Galvão.* — *Francisco Rocha.* — *Arnold Silva.* — *Clemente Mariani.* — *Marques dos Reis.* — *Manoel Novaes.* — *Arlindo Leoni.* — *Gileno Amado.* — *Alfredo Mascarenhas.* — *Pacheco de Oliveira.* — *Edgard Sanches.* — *Attila Amaral.* — *Paulo Filho.* — *Lauro Passos.* — *F. Magalhães Netto.* — *Homero Pires.*



FUNDAÇÃO PEDRO CALMON

Imprensa Nacional (Officinas do Calabouço)

RIO DE JANEIRO